

Caras leitoras e caros leitores,

É com prazer que apresentamos o volume 4, número 1 da Revista de História da Universidade Federal da Bahia. Com esta edição restauramos o nosso fluxo de publicações, interrompido desde o segundo semestre de 2011, por motivos alheios à nossa vontade. Nosso retorno aos trilhos vem acompanhado da inclusão da Revista de História no sistema Qualis de avaliação de periódicos, na faixa B5. É hora de celebrar, portanto, e de ajustar nossos planos tendo em vista o aumento progressivo dos resultados deste e de outros indicadores. Por isso mesmo, estamos em processo de expansão do nosso Conselho Editorial, ao passo em que continuamos nossos esforços em ampliar o alcance de nossa circulação.

Temos uma pequena confirmação de que seguimos no caminho certo aqui mesmo, no presente número. Em termos geográficos, os artigos incluídos cobrem um amplo espectro — uma diversidade de objetos e temas de estudo, é verdade, mas também de proveniências dos autores que os assinam. O mesmo ocorre com a abrangência temporal, cujos limites também são generosos. O século XVI, por exemplo, é tema da primeira das contribuições, assinada por Emãnuel Luis Souza e Silva e dedicada a estudar a atuação do jesuíta português Luís da Gram, cuja trajetória ajuda a iluminar a ação do Santo Ofício em terras luso-americanas antes da conhecida Primeira Visitação, encabeçada por Heitor Furtado de Mendonça entre 1591 e 1595. Daniel Rincon Caires, em seguida, oferece uma contribuição acerca das concepções de gênero entre os tupinambás do Maranhão colonial, a partir dos relatos de dois capuchinhos franceses envolvidos com o projeto de colonização em princípios do século XVII. Antônio Alexandre Isidio Cardoso, por sua vez, estuda a migração dos cearenses em direção à Amazônia em meados do século XIX, ampliando os modelos explicativos consagrados para o fenômeno, ao enfatizar as percepções dos próprios migrantes. Francemberg Teixeira Reis, por sua vez, cuida das tensões entre pequenos e

médios proprietários rurais de Feira de Santana, na Bahia da Primeira República, trazendo à luz disputas ligadas aos limites entre propriedades contra o quadro da transição de modalidades tradicionais de demarcação de terras à imposição dos cercamentos. Mariana Ellen Santos Seixas e Magno Francisco de Jesus Santos, por sua vez, nos oferecem reflexões sobre a vida religiosa no Brasil oitocentista, deixando entrever a diversidade que a pautava num século de crescente irreligiosidade e diversificação confessional. Este, por meio da análise de um artigo de jornal publicado em 1884 por Tobias Barreto, conhecido intelectual sergipano, lança luz sobre as práticas de autoflagelação na cidade natal de Barreto, durante as celebrações ligadas à Paixão de Cristo. Aquela, numa abordagem dos modelos de comportamento considerados virtuosos pela comunidade presbiteriana, investiga a construção da identidade protestante em Salvador em fins do século XIX. O século XX se faz presente nos dois últimos artigos desta edição. Leonardo Ibiapina Beviláqua concentra suas atenções no automóvel, meio de transporte que se transformou no símbolo da modernidade por excelência, no contexto de Fortaleza na primeira metade do século. Já Heráclio Duarte Tavares examina o planejamento da expedição da National Geographic Society e do National Bureau of Standards para a observação do eclipse total do sol no Brasil, em 1947. Na conta, entram não só aspectos técnicos, mas também os modos de operar destas instituições norte-americanas e sua relação com o órgão do governo brasileiro responsável por autorizar e fiscalizar a realização de expedições científicas em solo nacional, no contexto imediatamente posterior à Segunda Guerra Mundial.

É preciso agradecer, em especial, aos autores dos artigos deste número pela paciência e boa vontade demonstradas ao longo do percurso atribulado que envolveu esta publicação. Ao fim e ao cabo, é a eles que devemos a existência desta edição em particular, e do próprio projeto da Revista de História, de forma geral. Também agradecemos ao Programa de Pós-Graduação em História da UFBA, pelo apoio concedido, e, principalmente, pelo suporte financeiro da Fundação Pedro Calmon, que solucionou as questões pendentes, relativas à revisão e finalização da revista, tornando possível a publicação deste número.

E, por fim, cabe deixar a você, leitor, nossos sinceros agradecimentos. É a você, afinal, que todo este trabalho é dedicado.

Boa leitura!